

Corpo e Som: A prática de Música Corporal com crianças em uma ONG

Guilherme Conrado de Oliveira

Universidade Federal de São Carlos
guilherme-gco@hotmail.com

Isamara Alves Carvalho

Universidade Federal de São Carlos
profa.isamara@gmail.com

Resumo: A presente comunicação descreve uma pesquisa em andamento no âmbito do curso de graduação, cujo intuito é investigar as práticas de música corporal sob o viés metodológico de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) na ONG Associação de Amigos São Pedro Julião Eymard (ASPE) localizada na cidade de São Carlos. Tem como principal objetivo compreender quais serão os possíveis progressos musicais analisados após as inserções do Licenciando pesquisador com música corporal. Neste sentido, a pesquisa aponta uma revisão bibliográfica baseada nas temáticas: “Música Corporal” (AMORIM, 2016; CONSORTE, 2013; GÓES, 2015; SIMÃO, 2013) e “Práticas Musicais em Projetos Sociais” (GONÇALVES, 2014; KATER, 2004; PENNA, et al., 2012; SANTOS, 2007). Durante o primeiro semestre de 2018 foi realizada uma fase exploratória nas aulas de música oferecidas pela instituição da qual foram mapeadas várias informações sobre o perfil dos alunos, bem como o contexto de trabalho, suas dificuldades, potencialidades e necessidades. A partir deste primeiro momento, os dados coletados e a constituição do referencial teórico, que serão parcialmente apresentados aqui, serão fundamentais para a elaboração de cinco aulas tendo como eixo temático, práticas musicorporais. Essas aulas serão aplicadas no segundo semestre do ano de 2018 pretendendo-se alcançar os objetivos da presente pesquisa.

Palavras-chave: Música Corporal. Projeto Social. Práticas Musicorporais.

Introdução

Quando pensamos em práticas musicais nas áreas da performance ou na educação, diretamente fazemos relação destas práticas com o estudo do corpo em música, e que, temas voltados a esta área de estudo têm sido frequentemente pesquisados e conceituados sobre diferentes concepções. Para Góes (2015, p. 91) nosso corpo define o limite entre a nossa essência e o espaço, pois este nos permite o contato com o externo, possibilitando, desse modo, toda nossa experimentação existencial. Para a autora este aspecto pode ser observado nas relações que temos com a música, enquanto experiência mental-corporal, onde “todo e qualquer processo cognitivo de aprendizado, técnica, percepção e performance dependem,

inicialmente, de um corpo que transforme informações que foram experienciadas em conhecimento produtor” (GÓES, 2015, p. 91).

Nesse aspecto, quando buscamos entender na fala da autora as relações que o corpo possui com o externo e que nossas experiências pessoais estão intimamente ligadas com nossa essência e o espaço, podemos compreender que com a música, essa conexão que existe entre corpo e ambiente se revela como uma expressividade musical e artística individual.

A presente comunicação descreve uma pesquisa de graduação em andamento cujo principal objetivo é compreender quais serão os possíveis progressos musicais analisados após as inserções do Licenciando com música corporal na ONG Associação de Amigos São Pedro Julião Eymard (ASPE) localizada na cidade de São Carlos. Especificamente, a pesquisa visa: a) Identificar aspectos musicais dos participantes e seus possíveis progressos durante o período de inserção; b) Definir e aplicar atividades ligadas à música corporal que possam contribuir na formação musical dos alunos dessa associação; c) Verificar o envolvimento, a participação e a colaboração entre os próprios participantes em relação às atividades ofertadas.

Para a revisão bibliográfica, foi realizado um levantamento teórico em aplicativos de busca e bases de Recursos Educacionais Abertos (REA): Google Acadêmico (GA), Banco de Dissertações e Teses da CAPES (BDT-CAPES) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD-IBICT). Na busca foram utilizadas as expressões: Percussão Corporal; Música Corporal; Música Corporal e Projeto Social, com aspas e sem aspas, ou seja, expressão exata ou todas as palavras. Os resultados podem ser observados no seguinte quadro:

Quadro 1: Mapeamento Bibliográfico

PALAVRAS CHAVE	BDT-CAPES	BDTD-IBICT	Google Acadêmico
Percussão Corporal	20.622	71	10.500
“Percussão Corporal”	6	20	984
Música Corporal	35.967	718	136.000
“Música Corporal”	1	2	128
Música Corporal e Projeto Social	1.066.001	563	49.400
“Música Corporal” e “Projeto Social”	1.065.673	1	8

Fonte: Dados do BDT-CAPES, BDTD-IBICT e Google Acadêmico. Acesso em março de 2018.

Os resultados se mostraram bem abrangentes nas buscas feitas com as expressões sem as aspas, de modo que, apareceram pesquisas bem divergentes em comparação com as buscas realizadas com as expressões com aspas. Isso pode ter ocorrido pelo fato de que cada ferramenta de busca possui um sistema de funcionamento distinto aos outros. Entretanto houve ocorrências que puderam ser encontradas em duas ou nas três ferramentas de busca simultaneamente.

Os resultados encontrados possibilitaram identificar que, nas buscas pelas expressões: “Música Corporal”, nas ferramentas de busca BDT-CAPES e BDTD-IBICT, foram encontrados 1 e 2 trabalhos publicados respectivamente e, “Música Corporal” e “Projeto Social”, nas ferramentas de busca BDTD-IBICT e Google Acadêmico, foram encontrados 1 e 8 trabalhos publicados respectivamente. A partir destas buscas, foi possível observar uma certa carência no campo científico a respeito dessa temática, entretanto, não se pretende através desta pesquisa, discutir de forma com que se esgote este amplo assunto.

Com referências a práticas musicais em contextos sociomusicais não-formais e informais, Penna; Barros; Mello (2012, p. 66) afirmam que:

A música tem sido bastante valorizada em projetos voltados para a inserção social. Várias pesquisas têm analisado experiências que, através do desenvolvimento da prática musical, cumprem diversas funções de caráter social – como Kleber (2006), Hikiji (2006) ou Cançado (2006) (PENNA et al., 2012, p. 66).

Corroborando com os autores, Gonçalves (2014, p. 22) relata que no contexto dos projetos sociais, as oficinas, as aulas e as apresentações são atividades elaboradas com caráter

de educação não formal para a transformação social. A autora comenta que “nesses espaços, o jovem tem liberdade para exercer sua cidadania como sujeito social em constante formação” (GONÇALVES, 2014, p. 22).

Nesse aspecto, é visível entender que nesses ambientes, a música é utilizada como ferramenta de integração e transformação social, o que de fato ela proporciona de maneira própria. Entretanto, Kater (2004, p. 44) e Santos (2007, p.3) ao discutirem sobre a presença da música nesses ambientes sociomusicais, evidenciam que, quase sempre, ela se encontra na condição exclusiva de elemento de integração. Para Kater (2004, p. 44), a música tem sido “significativamente subaproveitada em seu potencial formador – igualmente próprio e excelente – [porém], ao invés de um valioso recurso educativo, [ela] constitui-se mais numa espécie particular de lazer ou passatempo.” (KATER, 2004, p. 44).

Segundo Kater (2004, p. 44):

Música e educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta *original de formação*, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento (KATER, 2004, p. 44).

Desse modo, a presente pesquisa não tem o intuito de investigar se houve, por parte dos participantes, transformação social ou não, mesmo sabendo que este foco possui relevância a ser pesquisado, mas sim, focar nas práticas musicais, visto que, a música se dispõe de elementos potencialmente formadores no desenvolvimento humano.

Sendo assim, acreditamos que a presente pesquisa poderá contribuir com a comunidade científica e educadores musicais, através da possibilidade de levantar reflexões a respeito de práticas musicorporais infanto-juvenis, bem como, a partir da elaboração de aulas, promover possíveis propostas de ensino que proporcionem tanto ao aluno quanto ao professor meios de vivenciar práticas musicais significativas.

MEU CORPO, MEU SOM: CONCEITOS SOBRE MÚSICA CORPORAL

Ao pensarmos o conceito de música corporal, inicialmente podemos descrever como um fazer musical que se dispõe de possibilidades sonoras corporais com finalidade de expressão da musicalidade. Todavia, se investigarmos com mais detalhes a respeito desta

prática musical na literatura, podemos encontrar definições oriundas de contextos em referenciais diversos, dentre os quais, destaco Amorim (2016), Simão (2013), Góes (2015) e Consorte (2013).

Amorim (2016) enfatiza que a prática de música corporal pode ser encontrada em diferentes contextos da vida e do cotidiano humano, e que, a mesma, possui múltiplas relações com as diversidades e expressões histórico-culturais.

O trabalho investigado por Amorim (2016) foi realizado em um projeto social na Região Administrativa Recanto das Emas, no Distrito Federal. Teve como objetivo principal investigar o processo educativo musical por meio da percussão corporal no projeto Batucadeiros, projeto este que oferece à população oficinas e vivências musicais tendo como principal prática a percussão corporal.

Simão (2013), ao investigar o processo de ensino da percussão corporal do grupo Barbatuques, descreve que o conceito de música corporal possui forte relação com termo em inglês *body music*, podendo ser entendido como a música feita e produzida pelos sons corporais. O autor destaca que há vários grupos e artistas que se usufruem da música corporal para fins artísticos e pedagógicos, como é o exemplo de sapateadores, dançarinos, músicos e atores, e que, mesmo sendo profissionais de diferentes vertentes da arte, todos encontram na música corporal um lugar comum para expressão musical e corporal do som.

Contribuindo para a compreensão do termo *body music*, o educador e músico Fernando Barba, um dos fundadores do grupo Barbatuques, comenta em uma entrevista mediada pela rádio CBN que:

Hoje a gente pensa que a música corporal é nossa ferramenta, mas o que a gente faz é música (...) no começo a gente usava muito essa expressão – percussão corporal, que é muito boa, e ainda é usada. A gente mudou para música corporal, quando a gente se deu conta, que a gente estava usando muito a harmonia, melodia, tanto na voz como em outras partes do corpo, se eu bater agora nos meus lábios, eu posso fazer não só ritmo como melodias (BARBA, 2015).

Simão (2013, p. 37) destaca que na música corporal há uma variedade de estilos musicais e que os mesmos são influenciados pelas artes corporais e cênicas. O autor ainda realiza uma breve descrição de grupos que tendem, em suas práticas musicorporais, a se

influenciar pelo sapateado, pela dramaturgia, por sons vocais com uma forte característica harmônica, pela percussão corporal com elementos rítmicos complexos e grupos que fazem música corporal de origem tradicional, religiosa ou ritualística. Cabe destacar que essas formas de produzir música estão interligadas com o contexto histórico-cultural das pessoas de cada lugar do mundo.

Em sua dissertação, Simão (2013) se apropria do conceito de música corporal definindo-o como “todos os sons produzidos pela mão no corpo, voz e pés tocando no chão, juntos ou separadamente, com a intenção de fazer música.” (SIMÃO, 2013, p. 37).

Para Góes (2015, p. 92) a música corporal pode ser entendida como o teor musical que um corpo produz através dele mesmo, utilizando-se de elementos que compõem a percussão corporal ou até mesmo a utilização da voz. Em outras palavras, “toda música que possa ser produzida diretamente no corpo e pelo corpo, excluindo a necessidade de outros objetos/ferramentas” (Góes, 2015, p. 92).

Nesse contexto, Góes (2015), investiga e apresenta alguns aspectos que exploraram o conceito de música corporal. A autora realiza um levantamento sobre os principais grupos que utilizam este conceito em suas práticas musicais, e comenta, também, sobre a visibilidade dessa prática em relação aos eventos culturais e performáticos. Além disso, a autora realiza uma abordagem sobre o processo de concretização e externalização da música corporal, trazendo a discussão, baseada em autores como Storolli (2011); Nóbrega (2005); Varela, et al. (1996), a ideia de que o corpo e o movimento são, por muitas vezes, considerados como elementos secundários no processo de formação do ser humano e vistos como instrumentos/utensílios.

O que acontece a partir daqui é a intenção de não se trabalhar do ponto de vista da instrumentalização do corpo, uma vez que ele não é uma ferramenta externa, inanimada ou inerte; nós somos o nosso corpo e, enquanto seres vivos, instantaneamente, somos compostos de sentimentos, pensamentos e sensações que influenciam diretamente nos processos físicos e dialógicos com os ambientes/espacos onde nos encontramos (GÓES, 2015, p. 90).

Essa discussão em relação ao corpo e a música corporal também está presente nos argumentos de Consorte (2013). O autor questiona a respeito da instrumentalização do corpo quando diz: O corpo é um instrumento musical? Para Consorte (2013):

Nós somos o nosso próprio corpo e, ao considerá-lo um instrumento, no sentido de 'objeto' ou 'utensílio', estamos atribuindo este valor a nós mesmos. Diferentemente, quando dizemos que o corpo é um recurso, no sentido de 'origem' ou 'fonte', exercitamos uma outra percepção: ao produzir música a partir dele, estamos produzindo música a partir de nós mesmos. Esta diferença é crucial para entendermos o significado da música que é produzida a partir dos sons do corpo, prática que sempre nos acompanhou, desde nossas origens (CONSORTE, 2013).

Até aqui pudemos perceber que, baseados nos autores citados anteriormente, na prática de música corporal há diferentes categorias que se vinculam com o fator histórico-cultural de cada região do mundo. Sua relação com o corpo é de fator intenso e orgânico, impossibilitando o distanciamento entre corpo e mente, visto que, os mesmos são a razão da expressividade musical de nossa essência.

Desse modo, a presente pesquisa irá abordar o conceito de música corporal, sobre o viés da educação, como a prática musical que envolve os sons corporais percutidos com as mãos, pés, e voz como fonte de expressão da musicalidade.

Descrição do *lócus* desta pesquisa

A ONG ASPE, é uma instituição situada no bairro Residencial Parque Douradinho da cidade de São Carlos-SP. Atualmente oferece oficinas e aulas para crianças de 6 a 12 anos de idade, contemplando práticas de teatro, capoeira, música, artes plásticas e reforço escolar.

Seu principal objetivo desde sua fundação é a oferta de atividades e oficinas para crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica do bairro e da região. Por haver um limite de vagas, atualmente a ONG trabalha com 60 crianças em seus períodos de contraturno escolares, 20 crianças no período da manhã e outras 40 no período da tarde.

Estrutura física da ONG

A Instituição possui duas principais estruturas físicas, uma casa e um salão. A casa possui uma sala ampla onde se pode encontrar carteiras e mesas com finalidade de comportar 40 crianças. Neste espaço há uma lousa, dois bebedouros refrigerados, quatro torneiras para higienização, uma mesa e uma cadeira para o professor. A imagem 1 mostra o espaço físico interno da casa onde os alunos têm aula de música nos momentos de leitura e exercícios rítmicos.

Imagem 1 e 2: Espaço interno da casa.



Fonte: Dados Pessoais

Além desses espaços a casa possui uma sala de leitura, dois banheiros bem espaçosos com acessibilidade para pessoas com deficiência, uma cozinha, um almoxarifado e uma sala para a coordenadora pedagógica.

O salão é usado para os ensaios e aulas das diversas ofertas de oficinas que a instituição oferece, possui um espaço bem amplo podendo comportar por volta de 268 pessoas segundo as recomendações do Corpo de Bombeiros. O espaço conta duas entradas sendo uma principal e a outra para emergência, um bebedouro refrigerado, cadeiras plásticas (média de 100 cadeiras), dois banheiros com acessibilidade para pessoas com deficiência, e um segundo piso que, por intermédio de uma escada pode-se encontrar uma sala para reuniões. A imagem 2 revela o espaço interno do salão, onde há os ensaios com os instrumentos e atividades coletivas.

Imagem 3 e 4: Espaço do salão de ensaio



Fonte: Dados Pessoais

Além dessas estruturas a instituição possui um espaço aberto bem amplo, onde se pode observar um campo de areia para jogos como futebol e vôlei, e um *playground* para momentos de lazer e entretenimento.

Descrevendo o contexto

Cabe também ressaltar sobre o perfil dos participantes envolvidos nesta pesquisa. A investigação pretende contemplar aproximadamente 40 crianças entre as idades de 6 a 12 anos. Nas quartas-feiras pelo período da tarde entre 13h e 45min. às 15h, estas crianças recebem aulas de música regidas por uma professora licenciada em música.

No primeiro semestre de 2018, a professora iniciou suas atividades com os alunos a fim de criar uma “bandinha marcial”. Em suas aulas observou-se que os objetivos estavam relacionados ao ensino rítmico, leitura de notação musical e divisão de *naipes* da bateria, como o surdo, a caixa, o pandeiro, os pratos e os chocalhos.

Essas observações foram possíveis após minha apresentação e recepção na ONG no dia 28 de abril de 2018 que, desde então, pude participar nas aulas de quarta-feira durante o primeiro semestre. Mais detalhes serão discutidos posteriormente.

Metodologia

Para a presente pesquisa optou-se por pela abordagem qualitativa pois, como afirma Penna (2015, p. 101), o modelo de pesquisa voltado para a área de ciências humanas e sociais,

apresenta algumas divergências do modelo tradicional de pesquisa decorrente das ciências da natureza, pois estas estão mais voltadas a *comprovar* do que àquelas que priorizam o *compreender*, visto que, nas ciências humanas e sociais há um grau de complexidade entre os fatores influenciadores de um determinado contexto que variam de situações para situações, por isso, não se pode padronizar ou impor valores fixos em pesquisas realizadas nestas áreas.

A escolha do método foi baseada na pesquisa-ação, sendo dessa forma, descrita por Thiollent (2011) como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Assim como afirma o autor, uma das vertentes da pesquisa-ação é a resolução de possíveis problemas em um meio coletivo. Cabe indagar que para a obtenção do diagnóstico de tal problema, é necessário realizar uma fase exploratória no *lócus* pelo qual se quer intervir. Segundo Thiollent (2011, p. 56), nesse primeiro contato com os participantes, os pesquisadores tentam identificar quais são os possíveis problemas da situação, o perfil da população e outros aspectos que fazem parte do que é tradicionalmente chamado “diagnóstico”.

Para a presente pesquisa, a ação metodológica que Thiollent (2011) descreve como “diagnóstico” foi realizada durante o período de 28 de março à 4 de julho. Essas intervenções ocorreram tendo como viés a observação dos alunos em relação a aula e à professora, em aspectos mais diretos: a) Quais as características relevantes dos participantes; b) Como os alunos interagem com as atividades e uns com os outros; c) Quais habilidades musicais, relacionadas a questões rítmicas, os alunos demonstram possuir ou que apresentam dificuldades. Desse modo, os dados observados durante esse primeiro momento foram cruciais para a elaboração do plano de ação, garantindo assim com mais clareza quais foram os aspectos, problemas, potencialidades, entre outros fatores observáveis que contribuíram para a indagação da presente questão a ser pesquisada.

Thiollent (2011, p. 63) destaca que:

O problema de transformação colocado como passagem de uma situação inicial para uma situação final (ou desejada) é definido em função da estratégia ou dos interesses dos atores. O que exige que as normas e critérios sejam constantemente evidenciados, tanto na busca de soluções quanto na seleção de soluções a partir das quais serão desencadeadas determinadas ações. Não é a partir de simples levantamentos descritivos que uma ação pode ser encaminhada (THIOLENT, 2011, p. 63).

Para o autor, o plano de ação está diretamente relacionado ao que precisa ser feito tendo como objetivo a solução de um determinado problema. Sendo assim, “dependendo do campo de atuação e da problemática adotada, existem vários tipos de ação, cuja tônica pode ser educativa, comunicativa, técnica, política, cultural etc. ” (THIOLENT, 2011, p. 80).

Desse modo, apropriando-se desse pensamento, o plano de ação se dará no planejamento de cinco aulas cujo foco serão práticas musicorporais, baseando-se nas possibilidades, potencialidades, mas, principalmente nas dificuldades e necessidades observadas durante a fase exploratória desta investigação. Com relação à execução destas aulas, está previsto que esta fase da investigação tenha início no dia 5 de setembro.

Coleta de Dados

A respeito da escolha da técnica de coleta de dados, as autoras Moura; Ferreira (2005, p. 54) defendem que é necessário selecionar instrumentos capazes de fornecer informações úteis que estão relacionadas aos indicadores explicitados na prévia dos constructos envolvidos na pesquisa. Cabe ressaltar que para a escolha desses instrumentos, é necessário levar em consideração suas qualidades, no quesito validade e fidedignidade. Segundo as autoras:

A fidedignidade refere-se ao grau de exatidão dos dados fornecidos, isto é, do quanto constituem uma reprodução fiel das características dos participantes da pesquisa que se deseja estudar. Já a validade diz respeito ao fato de o instrumento estar realmente avaliando aquilo que se pretende avaliar (MOURA; FERREIRA, 2005, p. 54).

A estratégia tomada para a coleta de dados que pode contemplar de forma mais coesa as indagações das autoras citadas acima, permeou a subvertente da categoria Observação, sendo ela a Observação Participante.

No campo da observação, Penna (2015, p. 128) defende que para as pesquisas que pretendem ter como eixo principal “práticas pedagógicas”, é de essencial importância o uso da técnica de observação, pois, são situações em que os dados coletados via depoimentos ou relatos não são suficientes para uma análise fidedigna do que realmente aconteceu. Esta técnica de coleta de dados permite “colher impressões e registros sobre um fenômeno por meio do contato direto com as pessoas a serem observadas ou de instrumentos auxiliares (câmeras de vídeo, filmadoras, etc.) ” (MOURA; FERREIRA, 2005, p. 55).

Em aspectos mais específicos, a observação participante se caracteriza pelo forte grau de interação entre o observador e os participantes da pesquisa, promovendo assim, para o pesquisador, oportunidades de vivências sobre as perspectivas do grupo estudado a fim de se compreender de forma mais intrínseca os aspectos presentes em uma determinada situação.

Resultados Parciais

O quadro que será apresentado logo a seguir, refere-se ao período em que acompanhei como observador participante na instituição, tendo início no dia 28 de Março à 4 de Julho, totalizando 15 semanas.

Quadro 2: Dias e breve descrição das observações participantes na ONG ASPE

Dias na ONG ASPE	Atividades em campo
28 de Março de 2018	Apresentação e início das observações. Ensaio do ritmo “Tum pá” com os instrumentos.
4 de Abril de 2018	Introdução ao ritmo “Chocolate Pá” em sala de aula. Posteriormente, ensaio com instrumentos no salão com os dois ritmos.
11 de Abril de 2018	Leitura e exercícios rítmicos em sala de aula com percussão corporal.
18 de Abril de 2018	Ensaio com os instrumentos em <i>naipes</i> . Conversa com a coordenadora pedagógica sobre os detalhes da instituição.

25 de Abril de 2018	Não houve aula. Feriado.
2 de Maio de 2018	Introdução ao ritmo “Pá pá pá pá Tum Tum Tum” em sala com percussão corporal. E ensaio com instrumentos.
9 de Maio de 2018	Leitura e exercícios rítmicos em sala de aula. Dinâmica com percussão corporal no salão.
16 de Maio de 2018	Introdução de um quarto ritmo, porém mais complexo e com sincopas. Ensaio com o naipe das caixas separado dos demais.
23 de Maio de 2018	Continuação de ensaio do quarto ritmo com instrumentos divididos.
30 de Maio de 2018	Não pude comparecer. Inserção no Projeto Batucadeiros em Recanto das Emas-DF.
6, 13 e 20 de Junho de 2018	Ensaio Geral com os instrumentos.
27 de Junho de 2018	Não houve aula. Jogo do Brasil (Copa do Mundo).
4 de Julho de 2018	Despedida e introdução a novos estudos rítmicos com exercícios.

Fonte: Anotações do Diário de Campo

Nas aulas de música na ONG, eram frequentes exercícios de leitura de notação musical com figuras rítmicas como a semínima, colcheia e semicolcheia, utilizando uma, duas ou até três vozes simultaneamente com o uso da percussão corporal, e exercícios de coordenação com as mãos, buscando resolver possíveis dificuldades quanto ao uso da mão direita e esquerda.

Nos ensaios com os instrumentos, a professora dividia os *naipes* em semicírculo, seguindo da esquerda para direita com os surdos, caixas, pandeiros, pratos e chocalhos. Enquanto ela regia os surdos e as caixas eu a ajudava regendo os demais instrumentos, essas

regências eram realizadas com movimentos dos braços dando a intenção de ataque ao instrumento.

Nesse período de inserção, foi possível observar algumas características dos perfis dos alunos, a começar pela diversidade de faixa etária, entre 6 a 12 anos. Durante as aulas de música a professora frequentemente chamava a atenção de alunos que estavam dispersos e atrapalhando, crianças essas que, na maioria das vezes, eram as de menor idade. Isso se dava constantemente tanto nas aulas dentro da sala, com exercícios e leituras, quanto no salão, durante os ensaios.

Acerca das habilidades musicais, foi observado que de modo “geral”, as crianças possuem uma capacidade de leitura e execução rítmica parcialmente fluída, pois, através dos exercícios e repetições conseguiam tocar frases rítmicas corretamente, possibilitando que os ensaios com os instrumentos fossem mais dinâmicos e proveitosos. Entretanto, haviam alunos que tinham muitas dificuldades relacionadas à coordenação motora, concentração, percepção rítmica, além de que, outros ainda, não tinham muito interesse ou ficavam inquietos por estarem muito tempo sentados de frente para a lousa.

Considerações Finais

Através dos dados obtidos e da constituição do referencial teórico parcialmente apresentados aqui, a elaboração do planejamento de cinco aulas e suas aplicações estão previstas a ocorrer no segundo semestre de 2018. Para essas aulas, o planejamento terá como foco atividades e dinâmicas envolvendo movimentos corporais, exploração de diferentes timbres, concentração, prontidão, lateralidade, noção espacial, percepção rítmica, improvisação e criatividade.

Com isso pretende-se, através dessas aulas e de suas aplicações, promover reflexões a respeito de práticas musicais infanto-juvenis que propiciem vivências significativas tanto para o aluno quanto para o professor, visto que a música se constitui de um valioso recurso nos processos de conhecimento e de autoconhecimento.

Referências

AMORIM, Roberto Ricardo Santos de. *Batucadeiros: Educação Musical por meio da Percussão Corporal*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2016.

BARBA, Fernando. Entrevista dia 06/08/2015 concedida por Fernando Barba à CBN Noite Total com Tânia Morales. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/programas/cbn-noite-total/2015/08/06/APROVEITAMOS-A-RIQUEZA-DE-TIMBRES-QUE-O-CORPO-TEM-DIZ-FERNANDO-BARBA.htm>>. Acesso em: 20 de Junho de 2018.

CONSORTE, Pedro Leme. *O corpo é um instrumento musical?* 2013. Disponível em: <<https://fritosbr.wordpress.com/2013/04/22/o-corpo-e-um-instrumento-musical-parte-i/>>. Acesso em: 19 de Junho de 2018.

GÓES, Amanda A. *Corpo Percussivo e Som em Movimento: A Prática Da Música Corporal*. *Opus*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 89-100, Junho 2015.

GONÇALVES, Josilaine De Castro. *Todo Mundo Aprende, Todo Mundo Ensina: O Projeto Multiplicadores do Instituto Batucar*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2014.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 43-51, Março 2004.

MOURA, Maria Lucia Seidl; FERREIRA, Maria Cristina. *Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005. 144 p.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Sulina, 2015. 183 p.

PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento; MELLO, Marcel Ramalho. Educação musical como função social: qualquer prática vale? *Revista da ABEM*. Londrina, v 20, n. 27, p. 65-78, Jan/Jun. 2012.

SANTOS, Carla Pereira. Educação musical nos contextos não-formais: um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade. In: *XVII CONGRESSO DA ANPPOM*, São Paulo, p. 1-6. 2007. Disponível em: <https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical/edmus_CPSantos.pdf>. Acesso em 19 de Julho de 2018.

SIMÃO, João Paulo. *Música Corporal e o Corpo do Som: Um Estudo dos Processos de Ensino da Percussão Corporal do Barbatuques*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2013.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p.